

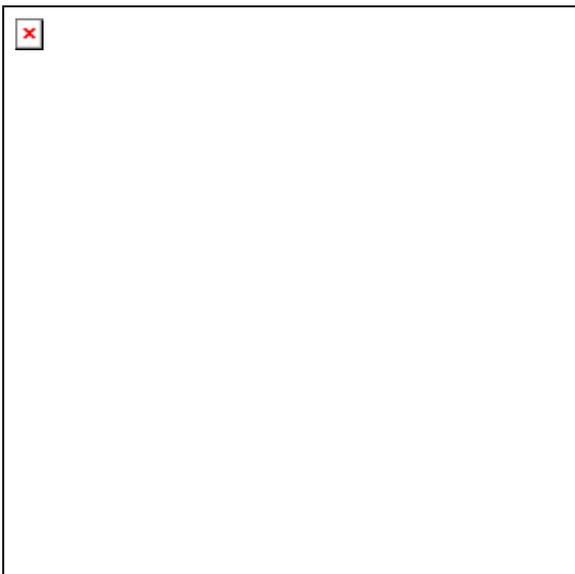
Encontros Fortuitos entre Feminismo e Desconstrução

Fátima Lampréia Carvalho*

“Deconstruction is *certainly* not
feminist[...]”

(DERRIDA, 1985, p.
30)

Neste artigo exploro duas perspectivas possíveis para a análise do feminismo e da desconstrução. A primeira seria aquela sustentada por Judith Butler (1992) que considera o feminismo e a desconstrução enquanto teorias na medida em que ambas descrevem práticas e experiências de uma posição meta discursiva. A segunda perspectiva seria aquela sustentada por Diane Elam (1994) ao considerar que feminismo e desconstrução são práticas políticas específicas que se tangenciam no que se refere a questão da solidariedade que é central para a política feminista e também para o ataque desconstrutivista contra a política do sujeito cartesiano. Seguindo a argumentação de Elam, exploro as diferenças entre *ativismo ético* e *teoria moral*. Para exemplificar a perspectiva moral adotada em certas argumentações feministas, recorro ao exemplo de um *site* gratuito formulado por um grupo de jovens feministas brasileiras <<http://www.geocities.com/femizine/femiframi3.htm>>



, no ar desde 4/7/98. Podemos notar

* Fatima LampreiaCarvalho . Professora da ECO-UFRJ. Research Fellow no Centre for Theoretical Studies in the Humanities and Social Sciences, University of Essex.

no discurso feminista pela Internet um movimento feminista antipornô que se distancia do que chamo *ativismo ético*. Apesar da tentativa de se construir um noção politicamente correta de feminilidade contra outras versões, feminismo, neste caso, corre um sério risco de ser reduzido a mais uma versão de reformismo burguês em que o policiamento da representação popular se parece com uma via em direção a mais dominação. Ao contestar esse posicionamento, sustento que a Ética resultante do engajamento entre feminismo e desconstrução seria uma estratégia libertadora na medida em que não fixa um padrão moral ou ideal nem propõe uma perspectiva moral compartilhada para as mulheres.

1 Feminismo enquanto teoria

Para explorar melhor o problema de conceituarmos feminismo sob seus diversos ângulos, consideremo-lo, por um instante, enquanto teoria. Desse momento em diante, seríamos obrigadas a abdicar de um solo firme, nos aventurando a correr uma série de riscos. Entre eles o de não mais contarmos com certos conceitos inquestionáveis de “sujeito” e seu “gênero”, seu “sexo” ou sua “materialidade”. Esta seria a aventura proposta pelo desconstrucionismo que tem por objetivo desestabilizar oposições binárias entre o certo e do errado ou entre o bem e do mal. Enquanto análise feminista, a estratégia desconstrucionista visa intervir politicamente através da desconstrução feminista de alguns termos primários do discurso político.

Na perspectiva da desconstrução feminista, o próprio termo “feminismo” aparece como uma soma de contradições. Como afirma Naomi Schor (1992, p. 46) feminismo

é o ponto nodal onde insatisfações com a sociedade contemporânea e com o lugar que esta atribui às mulheres, demandas por igualdade, reivindicações por singularidade ou diferenças plurais, afirmações de uma natureza feminina transhistórica e fatores contingentes se chocam e ao mesmo tempo se entrelaçam.

O debate feminista entre essencialistas e construcionistas inclui tanto a defesa de posições conservadoras quanto contestatórias, a defesa de perspectivas materialistas e antimaterialistas, inclui posições pró-familismo e antifamilismo, oferece espaço tanto para estratégias separatistas quanto para estratégias de assimilação. Contempla as que aceitam e as que rejeitam o modelo igualitário reformista de feminismo em defesa da preservação das

diferenças de identidade tais como Hélène Cixous, Luce Irigaray e George Sand. O ponto crucial é que nenhuma destas tendências detém a posse exclusiva do que seria “o verdadeiro feminismo”, pois feminismo é o próprio debate sobre estas questões.

Judith Butler(1992, p.3-21) vem reelaborando uma análise de termos políticos estratégicos para a teorização feminista através da reinscrição crítica de conceitos políticos. Tendo em vista esta tradição crítica, as questões mais relevantes que fundamentam a nova análise feminista são, em primeiro lugar, o novo sujeito feminista que não é mais concebido como ontologicamente fundamentado, ou seja, a política não pode ser entendida como um discurso que pressupõe um sujeito fixo. Em outros termos, na nova análise feminista a categoria “mulher” não mais pressupõe um sujeito pronto. Isto porque se por um lado a fixação da categoria mulher traz sérias conseqüências políticas impedindo o jogo político, por outro, a crítica dessa categoria de identidade amplia as possibilidades de negociação política.

Uma segunda questão relevante para o desconstrucionismo e sua teorização feminista é a existência de pontos de convergência entre a crítica pós-estruturalista da identidade e as teorias recentes sobre as mulheres de cor que expõem e colocam em questão o sujeito unificado ou coerente como uma prerrogativa da teoria branca. Contestando a hegemonia de uma teoria universalista, as teorias feministas tentam multiplicar ou dividir o sujeito do feminismo ao lidar tanto com discursos dominantes quanto com discursos marginalizados.

Uma terceira questão diz respeito às teorias pós-estruturalistas sobre a linguagem e práticas significantes. As teorias pós-estruturalistas não pressupõem o estudo de documentos escritos, declarações e outros exemplos “empíricos” da linguagem. Tudo que o pós-estruturalismo afirma é a necessidade da indeterminação discursiva enquanto *locus* para possíveis articulações políticas. O pós-estruturalismo e pós-modernismo conduzem e indicam a difusão do poder e perda da dominação cognitiva. Neste sentido, toda contestação contra o pós-moderno é geralmente uma defesa dos padrões epistêmicos culturalmente privilegiados que deixam passar incólumes e sem exame os domínios ou dimensões excluídas da homossexualidade, raça e classe.

Importante ressaltar que o pós-estruturalismo e o pós-modernismo não exercem, no entanto, o mesmo tipo de crítica. A abordagem pós-estruturalista é aquela que se atem à crítica da lógica binária para a teorização dos subalternos. Pós-estruturalismo pressupõe a crítica da lógica ocidental como parte do descentramento ou desestabilização da hegemonia colonial. O pós-modernismo, enquanto definido por Lyotard, (BENHABIB, 1989) consiste em um grupo de teorias similares que emergem como a articulação de uma condição específica de reflexão que tem sido privilegiada pela teoria social feminista à medida que sua energia encontra-se no exercício crítico que tenta mostrar o quanto a teoria e a filosofia estão implicadas no poder. Para concluir esse ponto, a denúncia de que o aparato teórico e filosófico está sempre engajado em exercer poder não consiste em algo “novo”, “moderno” que o pós-estruturalismo expõe ao mundo acadêmico.

Política da identidade

Através de uma análise crítica da teoria feminista contemporânea, observamos uma série de paradigmas epistemológicos que prevalecem, tais como indicados por Butler. Estes paradigmas seriam basicamente pontos de vista epistemológicos, conhecimentos posicionados e política da identidade. De acordo com estas perspectivas, os atributos “cor”, “etnicidade”, “gênero” e “classe” são lidos como algo mais que atributos que devam ser adicionados ao sujeito para que possamos completar a sua descrição. A teorização do sujeito e suas posturas epistêmicas através das categorias raça, gênero e classe conduzem necessariamente a uma crítica integral da política da identidade. Sob este ponto de vista, as teorias universais patriarcais são repensadas para que se possa evitar a consequência de um imperialismo cultural ou de um feminismo epistemológico branco. A medida que adotamos no interior de teorias feministas, seja um pensamento binário, sejam estruturas globalizantes para a compreensão de uma determinada realidade política que é tida como homogênea ou indiferenciada, acabamos por enfraquecer a realidade que estamos analisando e fortalecendo, por outro lado, as estratégias de dominação.

A posição feminista com relação à categoria “universalidade” seria a de deixar o termo aberto e contingente. Retirando da categoria universalidade seu

peso fundamentalista para torná-la um *locus* de negociação pós-estruturalismo, oferece uma forma crítica que afeta a contestação do movimento fundacionalista ao se apresentar como uma teoria social comprometida com a contestação democrática. Enquanto movimento de interrogação, o pós-estruturalismo ameaça, portanto, a autoridade que se isola da disputa sob o álibi da universalidade que serve para consolidar o ocultamento da autoridade.

Ao evitar o álibi “universalidade”, a teórica feminista não seria apenas aquela que pratica o *lobby*, que fala como mulher e pela mulher, mas seria também aquela que interroga a construção do sujeito como pré-dada, emitindo seu discurso enquanto instrumento de reflexão. Seria aquela que questiona o sujeito masculino compreendido como uma fantasia de autogênese constituída através de má repressão primária de sua dependência maternal, tal como tem sustentado Luce Irigaray.

Como afirma Butler (1992, p. 15), qualquer esforço de atribuir um conteúdo específico ou universal à categoria mulher não levaria à solidariedade, mas antes produziria um fracionamento do movimento. Além do que uma suposta “identidade” feminina a ser tomada como ponto de partida não poderia garantir-se jamais enquanto terreno sólido e estável para um movimento político feminista, porque categorias de identidade são em geral normativas e excludentes, não apenas meramente descritivas. A estratégia desconstrucionista traria, portanto, à tona o referente mulher enquanto aberto aos significados que se venha atribuí à mulher.

Feminismo e desconstrução – disciplinas que se tangenciam

Para considerarmos feminismo e desconstrução enquanto disciplinas que se tangenciam em sua efetividade política e em sua força ética, vejamos como Elam (1994) constrói a ligação entre estas duas disciplinas. Primeiramente ela afirma que desconstrução e feminismo não funcionam isoladamente, ou seja, não são autônomos, mas, por outro lado, não podem ser considerados como idênticos. São disciplinas que se entrelaçam. Em primeiro lugar, desconstrução oferece ferramentas essenciais para a análise feminista auxiliando feministas a escrever a história das contradições nas definições institucionais da mulher, mostrando como estas contradições abrem caminho para mudança. Em segundo lugar, desconstrução ameaça

hierarquias ou oposições lógicas. Em terceiro lugar, desconstrução oferece a idéia de intermediário, “entre” que desfaz o pensamento binário.

Seria possível, no entanto, apontar uma relação pedagógica e mais complexa entre feminismo e desconstrução ao questionarmos o que um tem a ensinar ao outro enquanto princípios antitéticos. Isto porque se o feminismo se fundamenta na diferença de classe homem/mulher, ou seja, na diferença de gênero, desconstrução argumenta que esta diferença não é estável e se fundamenta na desconstrução desses conceitos. Existe, portanto, uma solidariedade sem referência comum entre feminismo e desconstrução, uma vez que não existe consenso nem terreno político comum a ambos. Como afirma Elam (1994, p. 25), temos uma “solidariedade sem fundamento”¹ em que ambos os termos trabalham para um desalojamento do sujeito e da política da identidade.

Uma ponte entre feminismo e desconstrução

O abismo existente entre feminismo e desconstrução cria condições de possibilidade para a construção de algumas pontes entre ambos os termos. A primeira seria a ponte representada pelas questões da ética e justiça que nos remete à idéia de *ativismo ético*. Considerando que os problemas relacionados à solidariedade são centrais para feminismo e desconstrução, poderíamos conceber o feminismo mais como uma ética do que uma política. Tal guinada em direção à Ética ocorre à medida que nos aproximamos de uma idéia de “coerência política” em torno da qual se pode negociar e não apenas “coerência temática” em torno dos “problemas da mulher” na sociedade. Isto porque não existe identidade temática para o termo “mulher” que seja comum a todos os debates que se referem ao tema. Ver feminismo e desconstrução enquanto movimentos de *ativismo ético* seria acentuar o desejo do último de ameaçar o fortalecimento e proliferação de uma política da identidade. A palavra ética teria por objetivo desestabilizar, ao mesmo tempo, as noções de sujeito e do social, pois compreende o sujeito não como autônomo ou soberano, mas sempre envolvido em uma rede de responsabilidades para como os outros. Neste sentido, feminismo seria mais apropriadamente

¹ Elam, Diane, idem, p.25

considerado como uma ética do que como uma política, esta última entendida como articulação instrumental de forças sociais em direção a um determinado fim.

Voltando a nossa questão central, que tipo de Ética feminismo e desconstrução desejam? Para Elam, três tipos de ética poderiam emergir do engajamento entre feminismo e desconstrução (1994, p. 105-107). O primeiro seria o distanciamento de uma autonomia subjetiva. Este produziria uma ética que deixa de ser uma questão de escolha individual ou de cuidado individual com o outro. Um segundo tipo de ética resultaria de um distanciamento do pragmatismo ou do contexto pragmático de julgamento através do qual um *ativismo ético* passa a dar conta da “solidariedade sem fundamento”.² O “sem fundamento” significa dizer que devemos tentar fazer o que é certo aqui e agora, onde quer que estejamos. Devemos exercer julgamentos a partir de nosso contexto pragmático e não recorrer a uma desculpa transcendental que possa nos dar razão. Neste sentido, um *slogan* seria ético na medida em que não fizesse referência a nenhuma essência predeterminada. Ou seja, é aconselhável julgarmos cada caso como caso. Para finalizar, um terceiro tipo de ética possível remeteria à distinção entre o *ativismo ético* e a filosofia moral, buscando preservar a justiça como uma questão sem resposta que devemos, no entanto, procurar.

Em suma, a ética do feminismo, aliada à desconstrução, não consiste em moralismo, em uma Ética do bom ou do útil, mas em um *ativismo ético* que não apela para um sujeito ético, nem faz apologia da moral *a priori*. Conseqüentemente o engajamento do feminismo à desconstrução daria margem a uma solidariedade que repensa o político como uma atividade de julgamento sem um fundamento necessário, já que resulta uma Ética sem sujeito.

Moralismo e ética via Internet

A nosso ver, a condição ética não tem nada a ver com a vontade do sujeito, uma vez que ela emana da linguagem e não da experiência (ELAM, 1994, p. 107). É a linguagem que propicia a reconciliação entre o direito e a

² Diferentemente do sentido atribuído por Rorty ao termo *solidariedade* (1989, p. 192). O pragmatismo antifundacional de Rorty se aproximaria mais de um humanismo liberal, pois seu pragmatismo deve mais ao individualismo que à solidariedade e por esta razão representaria o retorno, de certa forma, à ética do sujeito.

verdade, por esta razão o que é considerado como o eticamente correto não resulta do que seja epistemologicamente verdadeiro. Estes são jogos de linguagem heterogêneos. Para exemplificar a distinção entre estes diferentes jogos de linguagem, farei referência ao ativismo feminista através da Internet, tomando por objeto o senso comum expresso em uma homepage gratuita chamada “Feminize”:<http://www.geocities.com/femizine/femiframi3.htm>³, um *site* bastante diverso daqueles de organizações não governamentais tais como geledes, cemina, cfemea, redemulher e unifem.

Selecionada aleatoriamente, esta homepage é organizada pelas “Riot Grrls” que se autodefinem como: “um movimento/grupo de meninas, que tenta criar uma imagem de “girl power” e o encorajamento das meninas de serem aquilo que elas querem, não importa os limites que ainda existem”. Porém, não é só ao feminismo que as grrls dão ênfase, elas são contra “as imagens da mídia que possam trazer coisas negativas e que atinjam a auto-estima, ou que consideram coisas estúpidas”. Afirmam que estão aí para “combater” todos os machistas, racistas, malas etc. De acordo com sua auto-apresentação, “muitas grrls estão em bandas, principalmente bandas punks. Muitas estão fazendo fanzines, outras distribuem panfletos conscientizando o pessoal, e outras, são apenas garotas com uma vontade enorme de mudar alguma coisa...(Carolina Com Colaboração de Ana Lúcia)”.

Femizine encontra-se no ar desde 4/7/98 colecionando textos e artigos sobre feminismo, entre eles: “Não se engane: tome uma atitude”, “Respeito”, “A Revolucao começa por você”, “Feminismo & Riot Grrl”, “Alienação e sociedade puritana”, “Bulimia nervosa”, “ Sobre os direitos da mulher”, “ A Mulher e o Estupro”, “ Guia de compras sem crueldade”, “ Manifesto de 25 de Novembro”, “ Sexo é poder” e “Reciclagem do feminismo pelos inimigos do feminismo”. Os textos nessa *homepage* variam entre o que se poderia chamar de um uma abordagem moral e fundamentalista tal como o texto que reclama “A aceitação da mulher como mulher” e exemplos de *ativismo ético* tal como

³ Poderia citar varios outros sites feministas no Brasil e no mundo tais como sos-mulher.ufu.br, www.unifem.undp.org, www.cepia.org.br, <http://www.cemina.org.br>, <http://www.ccr.org.br>, <http://www.cfemea.org.br>, <http://www.fcc.org/pesquisa/genero> e <http://www.geledes.com.br>, <http://www.aleitamento.org.br>, <http://www.redemulher.org.br>, <http://www.sof.org.br>, <http://transasdocorpo.com.br>,

em “Não se engane tome uma atitude! * femizine #1” em que é sublinhada a palavra “ATITUDE!”:

“Sinto uma falta enorme de atitude entre as garotas. Por isso minha luta, tudo o que eu faço é para e pelas garotas. Não devemos pedir "com licença" ou "por favor" para homem algum. Devemos, nós mesmas, conquistar nosso espaço, nos impor, ou seja, o espaço já é nosso, basta fazer valer, basta termos consciência de que somos usadas, como meras pecinhas de um jogo sujo chamado "Sociedade Patriarcal", basta tomar uma ATITUDE! Minha querida irmã: pare e reflita um pouco sobre sua situação. Você pode perceber que se entregar ao conformismo, assim, sem mais nem menos, não vale a pena. Não acomode-se, proteste contra esse sistema covarde. Exija seus Direitos!” (por Helo (femipunk@hotmail.com, retirado do zine Mighty Pusy #1) * Grrrlhood * femizine #1*).

Resquícios de teoria moral e a emergência de um ativismo ético dificilmente encontram-se separados quando realizamos uma análise textual minuciosa. Isso não quer dizer, porém que o jogo de linguagem, nesse caso da luta feminista na Internet, não seja em grande parte o estabelecimento de uma prática reivindicatória, criativa no que abre espaço para o diálogo entre reivindicações e ideologias diversas. Podemos ler, por exemplo, que

o feminismo nada mais é do que a ACEITAÇÃO DA MULHER COMO MULHER!!!!!!! Não precisamos de nenhuma cartilha de como ser uma riot grrrlfeminista ..., porque o RIOT ACONTECE TODOS OS DIAS, DENTRO DE CADA UMA DE NÓS!, E assim não precisamos perder nossa girlness pra conseguir o que queremos!!!.

Esta abordagem essencialista não exclui a veiculação de outros textos exemplares de *ativismo ético* combinados a uma crítica a manifestações culturais machistas no Brasil:

A Revolução Começa Por Você!!:...alguém já parou pra pensar que se algumas garotas mudassem um pouco seu comportamento e tivessem uma postura diferente em relação a certas coisas, nossa situação e até nossa imagem, mudariam sensivelmente?... Existem milhões de exemplos de alienação que atingem a grande maioria das garotas; vou citar

um em especial, com o qual não me conformo: garotas que gostam da banda Raimundos, e, ainda por cima, se acham “rebeledes”... por Helo (femipunk@hotmail.com, retirado do zine Mighty Pussy #2).**Erro! Fonte de referência não encontrada.**

Exemplo adicional de discurso feminista priorizando uma perspectiva moral encontra-se em * Feminismo & Riot Grrls * femizine #1 *:

Estou cansada dessa violência e deteriorização da mulher!!! Basta olhar para as letras de músicas, de grupos de pagode, música baiana, e muitas bandas de rock. Não somos uma "buceta ambulante", como prega os Raimundos ou o Grupo É o Tchan. Ainda estamos sendo exploradas e humilhadas. É preciso que grrls ousem, quebrem barreiras e muros, discutam, lutem por um situação igualitária. O Brasil é um país machista. É um lugar aonde nem 1/5 dos políticos são mulheres, onde a imagem que passam é que a mulher tem que ter um emprego mais ou menos, tem que ser burra e gostosa para ser respeitada. É um lugar aonde a mulher objeto é cultuada. Esse é o meio dela se destacar por aqui. Porque sua inteligência, suas idéias, não são nada, o que importa é que ela pese 50 kg, tenha uma bunda à La Carla Perez e cérebro de boneca inflável de sex shop. Somos estimuladas a nos adequar a um só padrão... Isso tem que acabar! Nós temos que ser o que queremos, e ignorar o preconceito, sem barreiras, sem pudor! Essa revolução, esse caminho para a "liberdade", tem que partir de nós, grrls, e tem que ser agora! Grrl, use seu cérebro, sua vontade, e você irá longe!

Tomando o pequeno exemplo de reivindicações feministas não institucionalizadas pela Internet, notamos uma mistura de tendências e reivindicações, assim como a forte presença de um movimento feminista antipornô. Apesar da tentativa de construção de um noção politicamente correta de feminilidade contra outras versões, feminismo, neste contexto, corre o risco de ser reduzido a mais uma versão de reformismo burguês em que prolifera o policiamento de representações populares. Enquanto opinião, tais posições são, no entanto, criativas, ao provocarem o debate sobre gênero.

Porem, enquanto sugestão de políticas, bem, seria um fracasso, caso este fosse seu objetivo. Para concluir esse ponto, diria que, apesar das possibilidades que os novos meios oferecem para movimentos de articulação política, a Internet oferece, a meu ver, grandes possibilidades para a expansão de uma solidariedade sem fundamento no movimento feminista. Desta solidariedade não resultaria necessariamente a inclusão da mulher, mas a articulação gradativa da mulher através do que poderia ser compreendido como uma coalizão política reunida com base em comprometimentos éticos.

Referências

BENHABIB, Sheyla. Epistemologies of post modernism: a rejoinder to Jean-François Lyotard. In: NICHOLSON, Linda (Ed.). *Feminism/postmodernism*. New York: Routledge, 1989.

BUTLER, Judith. Contingent foundations: Feminism and the questions of postmodernism. In: BUTLER, J.; SCOTT, Joan W. *Feminists theorize the political*. Londres: Routledge, 1992. p. 3-21.

_____; SCOTT, Joan W. *Feminist theorize the political*. Londres: Routledge, 1992.

DERRIDA, Jacques. Deconstruction in America. *Critical Exchange*. No. 17, p. 30, Hiver 1985.

ELAM, Diane. *Feminism and deconstruction*. Londres: Routledge, 1994.

NICHOLSON, Linda. *Feminism/postmodernism*. New York: Routledge, 1989.

RORTY, Richard. *Contingency, irony and solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SCHOR, Naomi. Feminism and George Sand: Lettres a Marcie. In: BUTLER, Judith. *Feminists theorize the political*. Londres: Routledge, 1992. p. 46.